

A valsinha

Antes, quando criança, ouvi a primeira valsinha. Deitado na cama observava o som que já não era. Quando criança, ouvi a valsinha. Agora, não mais. Deitado no sofá já arrastado, com as luzes apagadas graças a queda de uma árvore, lembrei disso. "Mas de onde veio essa valsinha?", me perguntava enquanto carros de bombeiro talvez se aproximavam. Os bombeiros do passado tocam a valsinha, a sirene dissonante era melodiosa. A sirene do passado era minha infância, muito além do som, a sirene me levou para escola, cantou para eu dormir, reclamou das notas e eu, quietinho, ouvia.

Oito da manhã a mulher veio me bater a porta com meia dúzia de papéis em baixo do braço e uma cara tão ranzinza que já ao abrir me deu vontade de fechar. O chá me segurou.

"Tudo isso?", perguntei com o chá na frente da boca.

"É."

Não podia julgar a pressa, havia pechinchado o momento o suficiente para que ela tivesse toda a razão de ir pelo simples fato de não ir ser milimetricamente pior. Então, ela entrou com os papéis e tocou pelo menos uns 30 segundos de cada.

"Não"

"Não"

"Espera ...", sentia uma pontada de ânimo mas ... "não".

E lá se iam duzentos compassos de três por quatro, tempo de valsa, é claro. Mas nenhuma aquela cobiçada. Me despedi no fim das contas com uma coisa de vergonha pelo tempo gasto meu e dela. Convenci-me, à medida que comia o resto de lanche que sobrara do almoço, que a melodia era nada.

Sirenes e Bombeiros

*Não saberia bem diferenciar bombeiros e sirenes.
de olhos fechados,
são todos iguais.*

Queimourá

Às seis da manhã dois homens estavam parados à beira da rua encarando algo queimado e eu, um pouco perturbado, tinha minhas alucinações musicais. Qualquer um acharia os dois suspeitos naquela situação, incluindo eu. Nenhum deles morava ali, nenhum deles estava vestido de forma casual e um segurava um coquetel molotov. Contudo, observando-se pela óptica da probabilidade, quais a chances de dois homens assim provocarem um atentado? Nenhuma.

Porque, no fim das contas, que tom absurdista tinha dois caras em frente algo já queimado com o coquetel molotov nas mãos. Uma premonição do crime já cometido? A qualquer momento, eu temia, as linhas do tempo começariam a convergir e teríamos na nossa frente uma casa inteira e um coquetel a dois milímetros de se quebrar. Então, tudo começaria a rebobinar até retornar a esse momento.

Com o café no copo, e o pó lacrado, rememorei o tempo e resenti o princípio da perturbação. Minha mãe, minha bicicleta e a valsa. Que valsa?

"A mãe cantava ela?", ponderou olhando ao redor, "pode descrever melhor? Estilo, melodia, qualquer coisa assim?"

Assenti. Neguei. Respectivamente. Ele pegou um café.

O cabelo dele crescia um pouco além do ponto; parecia um pouco mais velho pelo desleixo. Peguei o café com a mão esquerda espelhando o movimento.

"Nada me vem em mente, desculpa."

"Mas... acho que conheço alguém que pode ajudar."

Ele puxou o celular do bolso e colocou em cima da mesa me apontando a foto de uma mulher sentada ao piano.

"Lembra?"

"Não."

Me lembrava, mas geraria uma conversa muito longa, e eu estava com pressa.

"Ela era da B no quinto. Laura alguma coisa. Ela deve entender dessas valsas."

Oito da manhã a Laura veio me bater a porta com meia dúzia de papéis em baixo do braço e uma cara tão ranzinza que já ao abrir me deu vontade de fechar. O chá me segurou.

"Tudo isso?", perguntei com o chá na frente da boca.

"É."

Não podia julgar a leve rispidez monossilábica. Um pouco de ressentimento e desconforto, associado a dificuldades financeiras rondava o ar. Então, ela entrou com os papéis e tocou pelo menos uns 30 segundos de cada.

"Não"

"Não"

"Espera ...", sentia uma pontada de ânimo mas ... "não".

E lá se iam duzentos compassos de três por quatro, tempo de valsa, é claro. Mas nenhuma aquela cobiçada. Me despedi no fim das contas com uma coisa de vergonha pelo tempo gasto meu e dela. Convenci-me, à medida que comia o resto de comida que sobrara da janta, que a melodia era nada.